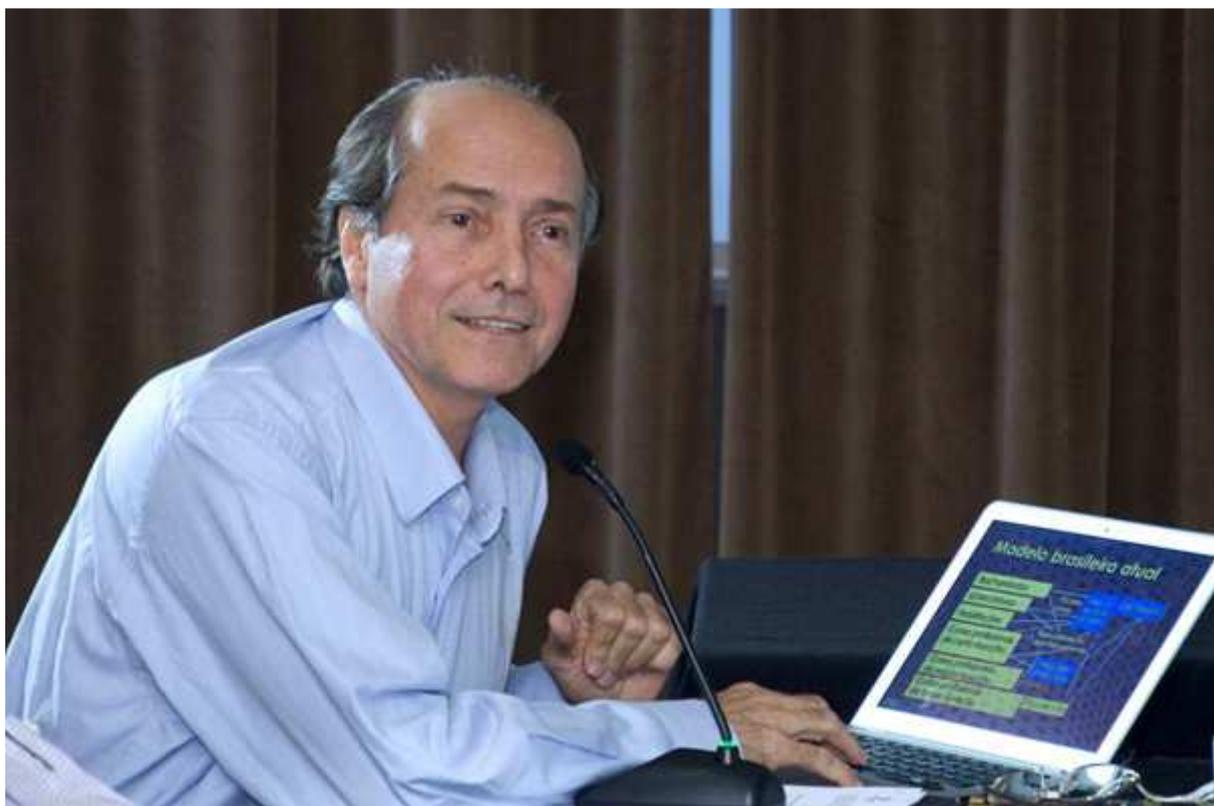


# Entrevista: Naomar Almeida Filho e a transformação do Ensino Superior

## 'O vestibular deve acabar', afirma o ex-reitor da Universidade Federal da Bahia

Médico, ex-reitor da Universidade Federal da Bahia e defensor de uma revolução, ainda que tardia, no Ensino Superior brasileiro, Naomar Almeida Filho define o vestibular como um “perverso filtro social” e critica as metodologias de ensino adotadas atualmente. Para ele, a interdisciplinaridade não se trata de uma utopia, e sim de uma questão de formação cultural não-fragmentada. Inspirado pelo projeto de reestruturação da educação idealizado por Anísio Teixeira nos anos 30, Naomar defende a Universidade Nova, sistema adotado pelo Ministério da Educação em um decreto assinado em 2007. O médico conversou com o [Globo Universidade](#) e falou sobre o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o combate à evasão e o desafio de melhorar qualidade do ensino. “Temos que ter paciência política para que as transformações na universidade sejam profundas e sustentadas, não apenas episódicas e passageiras”, afirma.



**Naomar Almeida Filho é médico e ex-reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA)**  
**Foto: Renato Velasco**

## **Globo Universidade - Quais são as principais mudanças previstas para as universidades brasileiras?**

**Naomar de Almeida Filho** - Fazer previsões é muito difícil, mas posso falar de tendências e expectativas. Primeiro, uma tendência: a ampliação de vagas nas instituições públicas deve continuar. Não será possível atingir as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) mantendo os atuais micropatamares de oferta de vagas. Segundo, uma expectativa: mais inovações de estrutura curricular ocorrerão. Talvez uma maior adesão ao regime de ciclos, com Bacharelados Interdisciplinares em muitas universidades. Creio que será impossível atender às marcas do PNE apenas dobrando vagas nos cursos tradicionais. Terceiro, uma quase certeza: haverá mais incorporação de tecnologias e inovações pedagógicas na Educação Superior.

## **GU - Por que os índices de evasão nas universidades brasileiras são tão altos? Que medidas poderiam ser tomadas para mudar isso?**

**NAF** - Só posso dizer alguma coisa sobre a situação das instituições públicas de ensino. O setor privado pode ser diferente. Nas universidades públicas, a evasão tem três facetas. Por um lado, fatores relacionados ao sistema educacional, onde se destaca o fato de que no Brasil, os cursos se definem pela entrada e não pela saída, como é nos Estados Unidos e Canadá. Assim, a estrutura curricular não tem flexibilidade e os alunos insatisfeitos com uma carreira só podem sair e depois tentar voltar via vestibular. Em segundo lugar, existem fatores relacionados com as metodologias pedagógicas arcaicas que ainda usamos. Os cursos superiores são mal-estruturados, as aulas são chatas e monótonas, os docentes investem pouco em atratividade nos seus programas de ensino. Em terceiro lugar, há elementos relativos ao aluno, principalmente agora com a maior inclusão social que experimenta o Brasil. Neste caso, vejo as dificuldades de se manter em uma universidade sem estruturas e programas que viabilizem a permanência de estudantes pobres. Por exemplo, a falta de cursos noturnos, a infra-estrutura deficiente das cidades e a inexistência de uma cultura de campus universitário são alguns desses elementos. Mas o tema é muito complexo.

## **GU - De todas as mudanças propostas pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), a ampliação da oferta de vagas é a que tem maior visibilidade. Como você vê essa ampliação? Isso contribui para diminuir a evasão?**

**NAF** - Acho que a ampliação de vagas faz parte do pagamento da dívida histórica da educação no Brasil. Mas será que ampliar vagas de entrada é suficiente para diminuir a evasão? Precisamos recriar o modelo curricular para que ele seja mais capaz de reciclar vagas nos cursos e reaproveitar módulos de formação. Aliás, em minha opinião, o problema da evasão tem sido analisado de modo distorcido, como algo em si nocivo. A fase de vida chamada juventude não

se define justamente pela inconstância, pela experimentação e mudança? O fenômeno da evasão compreende em parte essa volúpia de tentativa e erro em uma fase da vida em que incertezas são mais presentes e fortes do que decisões fechadas.



**Reuni, vestibular e bacharelados interdisciplinares são alguns dos temas discutidos por Naomar Almeida Filho - (Foto: Renato Velasco)**

**GU - O que você acha do modelo de vestibular utilizado atualmente? Que alterações ele deve sofrer?**

**NAF** - Felizmente, acho que esse modelo está em vias de ser superado. O vestibular privilegia portadores de inteligência competitiva individual, mais ainda os que pagaram caro por treinamentos específicos para melhorar a performance em testes episódicos. Outras formas de inteligência, como a social, a emocional, a gradual e a grupal, são desprezadas. Sendo curto e direto: o vestibular deve acabar.

**GU - Você acredita que é possível utilizar um único modelo de prova para todas as regiões do país, como é o caso do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)?**

**NAF** - Regionalizar o Enem não é simples nem desejável. Sei que o Enem se prepara para ter aplicações múltiplas durante o ano e para ter diferentes provas. Os exames equivalentes de outros países, como o SAT dos Estados Unidos, o Abtur da Alemanha e o BAC da França, fazem assim. Penso que essa estratégia é correta. Os alunos terão mais chances de mostrar seu potencial e os vetores da fraude serão mais controlados. Basta diluir as probabilidades com quesitos sorteados de um mega-banco de questões, organizados em várias formatações de testes,

quatro, cinco, sete aplicações no decorrer do ano. O modelo Enem/Sistema de Seleção Unificada (SiSU) tem enorme potencial de se tornar o principal instrumento de seleção de candidatos à Educação Superior no Brasil.

**GU - Você acredita que o Ensino Superior pode mudar para melhor sem que o Ensino Básico também se transforme?**

**NAF** - Dizer que só vale à pena reformar a universidade quando o Ensino Básico melhorar é um argumento fraco e até bobo, utilizado para barrar ou adiar as mudanças necessárias. A universidade pública serve como um horizonte ou um farol para as escolas e alunos do Ensino Médio. O modo como a Educação Superior se realiza influencia diretamente o Ensino Básico. Se a universidade fosse aberta e ampliada, acolhedora e inovadora, tenho certeza de que todo o Ensino Médio e Fundamental já estaria se ajustando. Novamente, o problema é a desigualdade. O ensino privado se ajusta com facilidade às mudanças da universidade pública, porque os seus alunos tendem a ocupar as vagas da Educação Superior mantida pelo Estado, gratuita e de melhor qualidade.



**'Penso que superar a fragmentação do conhecimento em disciplinas é uma questão de formação cultural', afirma Naomar - (Foto: Renato Velasco)**

**GU - Pode explicar a idéia da interdisciplinaridade contida no projeto da Universidade Nova? Por que este método é melhor para a qualidade do ensino?**

**NAF** - Muita gente fala da interdisciplinaridade como a nova utopia cognitiva. Outros a consideram uma panacéia pedagógica. Está na moda ser “inter” ou “trans” qualquer coisa. Por

isso é importante qualificar o que falamos e fazemos. Penso que superar a fragmentação do conhecimento em disciplinas é uma questão de formação cultural e não só de “instrução pública”, como queriam os ideólogos da Revolução Francesa. Na conjuntura brasileira atual, a universidade por vezes consegue cumprir sua função de formar profissionais tecnicamente competentes, instruídos, ensinados e disciplinados, mas permite, por omissão, que os alunos saiam dela incultos e pouco criativos. Por isso, tenho defendido que a universidade precisa recuperar duas missões: cultura e criatividade. E isso pode ser feito redefinindo a inter ou transdisciplinaridade de modo mais amplo, como epistemodiversidade e etnodiversidade. E em que momento da formação a interdisciplinaridade vai aparecer? Muitos acham que só na pós-graduação avançada. Eu acredito que desde o começo da formação universitária, num Regime de Ciclos. No modelo que estamos avançando como alternativa brasileira, chamado modelo Universidade Nova, o primeiro ciclo de formação se chama justamente de Bacharelado Interdisciplinar.

#### **GU - Como funciona o Regime de Ciclos de Formação Geral ou Bacharelados Interdisciplinares?**

**NAF** - Os Bacharelados Interdisciplinares, que abreviamos na sigla BI, do modelo Universidade Nova, compreendem cursos de três anos, oferecidos em quatro grandes áreas de formação: BI em Ciência & Tecnologia; BI em Artes; BI em Humanidades; BI em Saúde. Nossa proposta é fomentar a formação dos estudantes universitários em eixos ou temas relevantes da cultura contemporânea. Com esse espírito, baseamos a estrutura curricular e o sistema de títulos do modelo Universidade Nova, já aplicado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na formação de todos os alunos nas três culturas que identificamos como estruturantes dos saberes e práticas do mundo contemporâneo: Artes, Humanidades e Ciências. Nessa fase da formação se introduz o conceito de “interdisciplinas”, expressando estudos sobre temas e problemas complexos, irreduzíveis aos recortes mono-disciplinares, onde se aplicam componentes curriculares que abordam campos temáticos que envolvem e articulam mais de um campo disciplinar. Numa segunda etapa, os alunos que quiserem uma formação profissional podem optar por áreas de concentração equivalentes, antecipando componentes curriculares dos programas dos cursos tradicionais.

#### **GU - Esse projeto já tem previsão para ser implantado em alguma universidade?**

**NAF** - Na verdade, isso começou com Anísio Teixeira, em 1935 na Universidade do Distrito Federal (UDF) e em 1961, na Universidade de Brasília (UnB). Na fase atual, começou na Federal do ABC, desde 2006. Na UFBA, temos BI desde 2008, com o Reuni. Diferentes formatos de BI já foram implantados em pelo menos 15 universidades brasileiras. Essa nova

modalidade de curso superior já foi reconhecida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologada pelo Ministério da Educação (MEC). Essa reestruturação de arquitetura curricular, implantando modelos de ciclos, com o primeiro ciclo de formação geral, flexível e mutável, também deve ajudar a extinguir o perverso filtro social chamado vestibular. Num primeiro ciclo com o formato interdisciplinar, a competição por vagas deve se equilibrar e a seleção por mérito acadêmico se dará processualmente. O potencial de internacionalização é grande, pois o modelo do BI é compatível com o college dos EUA e com o Bachelor de Bolonha da União Européia.



**Para o médico, um dos principais desafios da proposta interdisciplinar é preparar os professores - (Foto: Renato Velasco)**

**GU - Como os professores serão preparados para ensinar de forma interdisciplinar?**

**NAF** - Esse é um desafio enorme. Mas no Brasil, já estamos acumulando grande experiência em rever as pautas pedagógicas e conceituais dos nossos modelos de Ensino Superior, inclusive nesse aspecto. Os professores universitários de hoje foram formados dentro da universidade que herdamos da Reforma de 1968, feita pelo regime militar. Foram orientados por doutores que, por sua vez, foram orientados por doutores também orientados por doutores da velha ordem. São quatro gerações de disciplinadores disciplinares. Então, o primeiro passo é a seleção de docentes abertos às mudanças paradigmáticas, preferencialmente sujeitos também produtores de conhecimento e inovação. Em seguida, precisamos aprender como acolher aqueles que ensinam do modo antigo, mas que sentem certo incômodo nisso e estão dispostos a mudar. Mudar dá

trabalho, gera tensão, exige sair daquilo que chamam de “zona de conforto”. Por último, para sermos coerentes, temos que começar a mudar as coisas e aprender com esse fazer diferente.

**GU - Como você avalia as conquistas do Reuni? Quais são os principais desafios que o governo ainda tem pela frente?**

**NAF** - Tenho dito que o Reuni representa a Reforma Universitária de 2008. Começamos a ter mais vagas, inclusão social, cursos noturnos, investimentos, contratações. Pena que a maioria das universidades federais optou por ampliar os modelos antigos, fazer mais do mesmo, em vez de buscar a inovação estrutural da Educação Superior. Esse é o grande desafio: manter as conquistas, consolidar os avanços e ampliar ao máximo o espaço para a inovação na universidade. Mas sei que o processo histórico é assim mesmo. Temos que ter paciência política para que as transformações na universidade sejam profundas e sustentadas, não apenas episódicas e passageiras.

**Entrevista concedida ao Globo Universidade em: 21/12/2011 14h09**

<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/12/entrevista-naomar-almeida-filho-e-transformacao-do-ensino-superior.html>